
The background is a blue wall with black graffiti. The graffiti includes a large, stylized eye-like shape at the bottom left, several horizontal and vertical lines, and some abstract scribbles. There are also some yellow-green highlights on the wall, possibly from a light source or a spray. The text is centered in the upper half of the image.

UMA CI
DA
DE EM
CRÔNICAS

ENCARANDO NÚMEROS
NA ESTRUTURAL



Esta produção reúne contos fictícios baseados em algumas atividades desenvolvidas pelo INESC e Movimento Nossa Brasília na Cidade Estrutural. Apesar de inspiradas na realidade, nenhuma destas histórias retrata qualquer personagem específica nem tem a pretensão de falar pelo conjunto da comunidade local. Com estas intervenções literárias temos o propósito principal de inspirar, em meio às histórias fantasiosamente possíveis, realidades possivelmente transformadoras.

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”

Carolina Maria de Jesus, em “Quarto de despejo”.

São Paulo: Francisco Alves, 1960, p. 160.

ÍNDICE

Apresentação 1

Crônicas

Adoecei no dia errado	6
Dos pés à cabeça	12
Match!	20
Um passeio no lixo	30
A roupa unissex	36
Ânsia de ônibus	42
Pindura?	48
Um plano de diversões	54
Medo na Passarela que lá vem ela	60
Vai uma feira aí?	66
Um Bazar de Soluções	72

UMA CI DADE DE EM CRÔNICAS

ENCARANDO NÚMEROS
NA ESTRUTURAL

APRESENTAÇÃO

O Movimento Nossa Brasília e o Inesc elaboraram, em 2016, a primeira edição do Mapa das Desigualdades, inspirado em iniciativas da Rede Nossa São Paulo e da Casa Fluminense, parceiros da Rede Cidades: Por Territórios Justos, Democráticos e Sustentáveis. A iniciativa se propôs a levantar indicadores de desigualdade regionalizados, para facilitar a leitura dos dados e transformá-los em ferramenta de incidência.

No primeiro momento destacamos três regiões do DF, a saber, Samambaia, São Sebastião e Estrutural, para o levantamento de dados. Para tanto, nos reunimos com movimentos locais que escolheram as políticas que mais impactavam seus territórios. A partir da seleção, fizemos comparação dos indicadores das três regiões com o Plano Piloto. O que ressaltou a imensa desigualdade existente entre as diferentes regiões do Distrito Federal. Além disso, ficou nítido que a cidade com os mais baixos indicadores era a Estrutural.

Então, com os grupos locais, especialmente a Companhia de teatro Bisquetes e a Casa dos Movimentos, mobilizamos outras pessoas e organizações para dialogar sobre os impactos dos baixos indicadores em sua vida cotidiana. Intitulamos esta etapa como “Encarando Números”, ou seja, uma oportunidade de percebermos quais os sentimentos, lutas, conflitos e processos que moradoras e moradores da Estrutural enfrentam diante da ausência do Estado na educação, saúde, segurança pública, cultura, mobilidade, trabalho e renda.

Para a pesquisa, partimos de metodologias qualitativas variadas, tais como reuniões dialogadas e grupos focais, aprofundando ainda nossas análises com etnografias em várias partes do território. Passamos por bazares, a feira semanal da cidade, o recém fechado

lixão, o bairro conhecido como Santa Luzia. Nossos olhares estavam especialmente atentos para a percepção das pessoas acerca das políticas públicas selecionadas na primeira fase do Mapa.

Usamos linguagens variadas para chegarmos onde chegamos. Foram 7 vídeos que tematizaram a vivência da saúde, educação, segurança pública, população LGBTI, Trabalho, renda e cultura desde a perspectiva das moradoras e moradores da cidade, além de um outro vídeo que compartilha com o público o nosso processo ao longo do projeto. Apostamos também em crônicas etnográficas, disponibilizadas no site do Movimento Nossa Brasília, nas quais compartilhamos as nossas formulações a partir das incursões à cidade. Por fim, optamos por construir minicrônicas, entre ficção e realidade, inspiradas nas vozes das pessoas com quem cruzamos no projeto, nessa publicação que agora apresentamos. Nosso propósito foi trazer a vida e a experiência na cidade em suas múltiplas dimensões, para além dos estereótipos, ressaltando a potência criativa e resistente das pessoas que lidam diariamente com um nível alarmante de desigualdade.

Diante das ausências de políticas públicas, moradoras e moradores da cidade criam estratégias de sobrevivência, por trás dos números reveladores de desigualdades atroz – contra as quais não podemos senão combater - há acima de tudo a energia de pessoas que resistem e insistem em construir suas vidas naquela cidade, por escolha ou por falta de alternativas. Pessoas que chegaram ao Distrito Federal diante das promessas da capital da esperança, oriundas especialmente do norte e nordeste brasileiros, e que encontraram na Estrutural a possibilidade de renda no lixão ou em atividades correlatas.

Para quem ainda não conhece, a cidade Estrutural recebeu esse nome por ter crescido às margens de uma via, a Estrutural, que liga o Plano Piloto à Taguatinga, Ceilândia e cidades goianas situadas no entorno do DF. E foi ali que, ao longo de anos, toda a população desse território chamado Brasília depositou seu lixo. E as pessoas que primeiro se instalaram nesse local, vieram para trabalhar como catadores e catadoras de materiais recicláveis.

O fechamento do lixão - ocorrido em janeiro de 2018, quando também levávamos a cabo nossa pesquisa – ainda que necessário, trouxe novas questões para cidade. Mais uma vez, a cidade Estrutural se encontra em momento de transformação, enfrentando novos problemas, tais como a especulação imobiliária que tenta expulsar suas moradoras e moradores agora não mais pelas armas da polícia, mas pelo peso do dinheiro. Não conhecemos o desfecho dessa história.

O que sim conhecemos é a força e criatividade daqueles que ali habitam, que fazem da Estrutural não uma, mas várias cidades. Foram as histórias de resistência ativa, mais que o papel estático que a denúncia muitas vezes atribui a quem está na base da pirâmide do poder, que nos mobilizaram nesse processo. As soluções inventadas e dilemas diante de grandes problemas estão estampados nas diversas vezes presentes nesta publicação, que procura mapear mais que números frios gerados a partir de fórmulas gestadas entre as quatro paredes da burocracia do Estado. É a sensação e agência de quem vive e resiste em seus cotidianos à grandes desigualdades que nos importam. É ali que residem as sementes da transformação.



ADOECI NO DIA ERRADO

O dia mal raiou no bairro de Santa Luzia, na Estrutural. Suelen, porém, já acordou há muito tempo. E não foi às 5h da manhã, como de costume da maioria da cidade. Na verdade ela não dormiu direito, virou a noite com muito calor no corpo, uma suadeira e dores nos olhos, abdômen, costas. Cedinho preparou um chá de boldo, cúrcuma e agrião. Isso sem contar no xarope de alho com gengibre que tinha em seu armário, aquele mesmo já usado para lidar com doenças passadas. Deitou de novo para ver se melhorava e conseguia enfim ir ao trabalho. Seu expediente começa de tarde e segue pela noite.

O segundo sono foi ainda pior: além de pesadelos rápidos, as dores se intensificaram. Suelen acorda ofegante e assustada, toma uma ducha, veste sua melhor roupa e sai de casa aflita, caminhando com dificuldade. Ela chega na casa de seu vizinho Mathias, que tem carro e está de folga por causa de um recesso da escola onde trabalha.

Suelen - Mathias, me ajuda, pega o carro, por favor! Tô mal e preciso ir no médico!

Mathias - Nossa, Suelen, ficar doente logo hoje que eu tô de folga? Quantas horas você tem antes do trabalho? Passa no posto... chama o Samu! É mais rápido!

Suelen - Hoje é quarta, esqueceu? Aqui eles só atendem o povo de Santa Luzia na quinta. Nem para adoecer amanhã, no dia certo, eu sirvo! Tenho que chegar no trabalho em três horas, dá tempo! O Samu não entra aqui, pelo amor de deus! Tô desesperada, TUDO DÓ!!!!

Mathias - CALMA MOÇA! Entra no carro, bora!

Os dois seguem rápido pela pista rumo ao posto de

saúde da cidade mais próxima, o Guará. Suelen não espera Mathias estacionar, descendo do carro quase em movimento. *“Vai procurando vaga enquanto eu pego a fila”*, ela diz. Sozinho no carro Mathias decide diferente: *“Vou esperar aqui enquanto ouço uma música. Não quero ficar dentro de hospital durante minha folga.”* Antes de começar a segunda faixa de sua playlist ele observa Suelen voltando com uma cara muito emburrada.

Mathias - Já voltou, Su? Putz... eu bem que te disse para não vir no guará que eles não iam te atender!

Suelen - Canalhas! foi só eu dizer que era da Estrutural e desconversaram, ficou sem vaga, sem atendimento. Bora para taguá! Eu pago a gasolina!



Suelen não estava de muito papo. O tempo entre o Guará e o Hospital Regional de Taguatinga foi tenso, sem diálogo. Mathias seguiu ouvindo seu samba durante o caminho. *“Você que está me escutando, é mesmo com você, que estou falando agora! Você que pensa que é bem não pensar em ninguém e que o amor tem hora...”*

O ritual repetiu-se quando chegaram ao HRT. Mathias esperou no carro enquanto Suelen se aventurava na fila. Ela voltou rapidinho, antes do fim da música. *“...preste atenção meu ouvinte, o negócio é o seguinte, a coisa não demora! E se você se retrai você vai entrar bem, ora se vai...”*

Mathias - Ué Suelen, aqui não deu também não?

Suelen - Até tinha atendimento, mas a fila tá impossível! Ainda quero ir no trabalho hoje, se não...

Mathias - Bora pro Plano Piloto ou pra Ceilândia?

Suelen - Toca pra Brazlândia logo, na Cei vai estar cheio também! Ouvi dizer que em Braz tem atendimento mais fácil.

A música ficou em segundo plano desta vez. De Pinguinha passou para Clementina de Jesus, pois Mathias e Suelen gostavam de samba antigo. Ele tentava agradar com esta seleção musical mas percebeu que estava infrutífero. Também falou pouco, deixando-se ouvir a reclamação de Suelen sobre os problemas de seu trabalho, os perigos de ir e voltar de ônibus sozinha, a pressão que sofria de seus chefes, o ridículo que passava cotidianamente para receber um salário que cada vez comprava menos.

Suelen saiu do carro e foi certa em direção ao atendimento, que de fato estava menos cheio que nos outros lugares. Da janela do carro Mathias pôde observá-la entrando na sala de consulta. Finalmente estava resolvida a situação. Como Mathias havia esquecido seu celular em casa, Suelen não podia enviar-lhe mensagens informando como estava. Assim ele pôde ouvir despreocupadamente alguns discursos, enquanto esperava.

Suelen - Finalmente doutor! Consegui finalmente ser atendida! Estou passando mal tem mais de seis horas e não sou recebida em lugar algum! Mas agora parece que o pior já foi, se o senhor pudesse me dar pelo menos um atestado para eu não tomar falta no trabalho....

Médico - Suelen seu nome, né? Medindo sua pressão, vendo a cor do seus olhos, só na análise mais básica tenho quase certeza que não vai ser o caso de te dar um atestado. Não SÓ um atestado. Você precisa ser internada para exames e repouso, urgente!

Suelen - Eu preciso pelo menos avisar meu amigo que está me ajudando, pagar a gasolina dele lá no estacionamento, já é de noite!

Médico - Acho que você não está entendendo a gravidade do problema...



DOS PÉS À CABEÇA

Acordei muito mais cedo do que precisava. Estava um pouco ansiosa hoje. Mesmo no trabalho não consegui me concentrar direito. Até tomei uma chamada. Agora, chegando na escola, o ônibus deu aquela habitual quebrada e eu tô aqui com essa caixa enorme correndo pela rua. Olha lá o Mathias, porteiro que mora na minha rua. Devia ter pegado carona com ele.

Mathias: Chegou atrasada Rita, devia ter vindo comigo. Que foi, dormiu além da hora?

Rita: Dormir? Eu sou trabalhadora que nem você Mathias, se eu pudesse dormir o tanto que você diz eu nem estava com esse carão hoje. Não fique falando mais que a boca não, que isso vai lhe causar problema. Valeu?

Mathias: Eita foi mal Ritinha, estava zoando, não precisa ficar brava assim não... ou, não me deixa falando sozinho!

Não tinha porque ficar dando muita trela ao broder não. Ele sabe dos meus corres e é parceiro, mas passou do ponto. Tô tensa e mal-humorada, preciso me concentrar para apresentação da feira de ciências que a professora Patrícia tá organizando. Todo mundo está na expectativa do meu experimento, ficam aí me zoando e dizendo que eu sou o destaque da minha cidade, a única que tem futuro lá. Eu insisti pra fazer o experimento sozinha e quase não consegui. Da minha sala só o Tiago ficou a meu favor. Ainda bem que deu certo. Vou montar a minha instalação na mesa do meio da sala, para chamar bastante atenção!

Patrícia - Mas que diabo é isso, Rita? Uma lata de achocolatado num balde com terra, todo sujo, que experimento é esse? Como eu vou avaliar isso?

Tiago - Miga, você ficou aquele tempo todo em casa preparando seu experimento para fazer isso aí? Uma latinha na terra? Que porcaria é essa!

Rita - Gente, para entender o experimento precisa ler a legenda. Assim como todos os outros. Depois que vocês lerem eu explico.

Patrícia - Tiago, leia em voz alta.



EXPERIMENTO FEIRA DE CIÊNCIAS

• **TÍTULO:** *PÉ-DE-TODDY*

• **Objetivo:** Explorar a hipótese da existência de um Pé de toddy

• **Duração:** 10 dias

• **Material Necessário:** 1 Lata de 500gr de Açoalotado Toddy; 1 Vaso de Planta de Tamanho Médio; 2 kg de Terra Preta; 10 Litros de Água; Rastelo e Pá de Mão

• **Metodologia:** (Passo 1) Com a pá colocar a terra preta dentro do vaso de planta; (Passo 2) Abrir um buraco na terra com o rastelo de mão; (Passo 3) Colocar o toddy dentro do vaso de planta; (Passo 4) Regar o vaso durante 10 dias.

• **Resultado esperado:** A terra tende a se misturar com o toddy dilundo-se, porém sem desencadear nenhum processo de germinação.

• **Resultado obtido:** A hipótese inicial foi confirmada. A terra se misturou com o toddy, diluindo-se sem nenhum processo de germinação desenvolvido.

• **Explicação do resultado:** Este experimento buscou, por meio de dados empíricos, validar a afirmação feita regularmente nesta escola, de que existem muitos "Pés de Toddy" na Cidade Estrutural. Esta afirmação foi feita regularmente por diversos os membros da escola (estudantes, professores, diretores) durante o período da seca. Ao contrário do afirmado pelo senso comum preconceituoso e mal informado, na Cidade Estrutural não existe nenhum tipo de Pé de Toddy, conforme atestamos neste experimento. Este tipo de afirmação parte da ideia errada e estereotipada de que seja possível plantar o açoalotado na terra e que aí nasça um "Pé de Toddy". A expressão também é muito usada de forma pejorativa e ignorante, uma forma de discriminar a população local. Todavia sabemos pelos estudos de anatomia que os pés humanos são feitos de carne e osso, jamais de açoalotados.

• Esse experimento buscou demonstrar que o preconceito e discriminação, além de um grave problema de caráter, tem também muito a ver com desinformação e, talvez, alguma burrice.

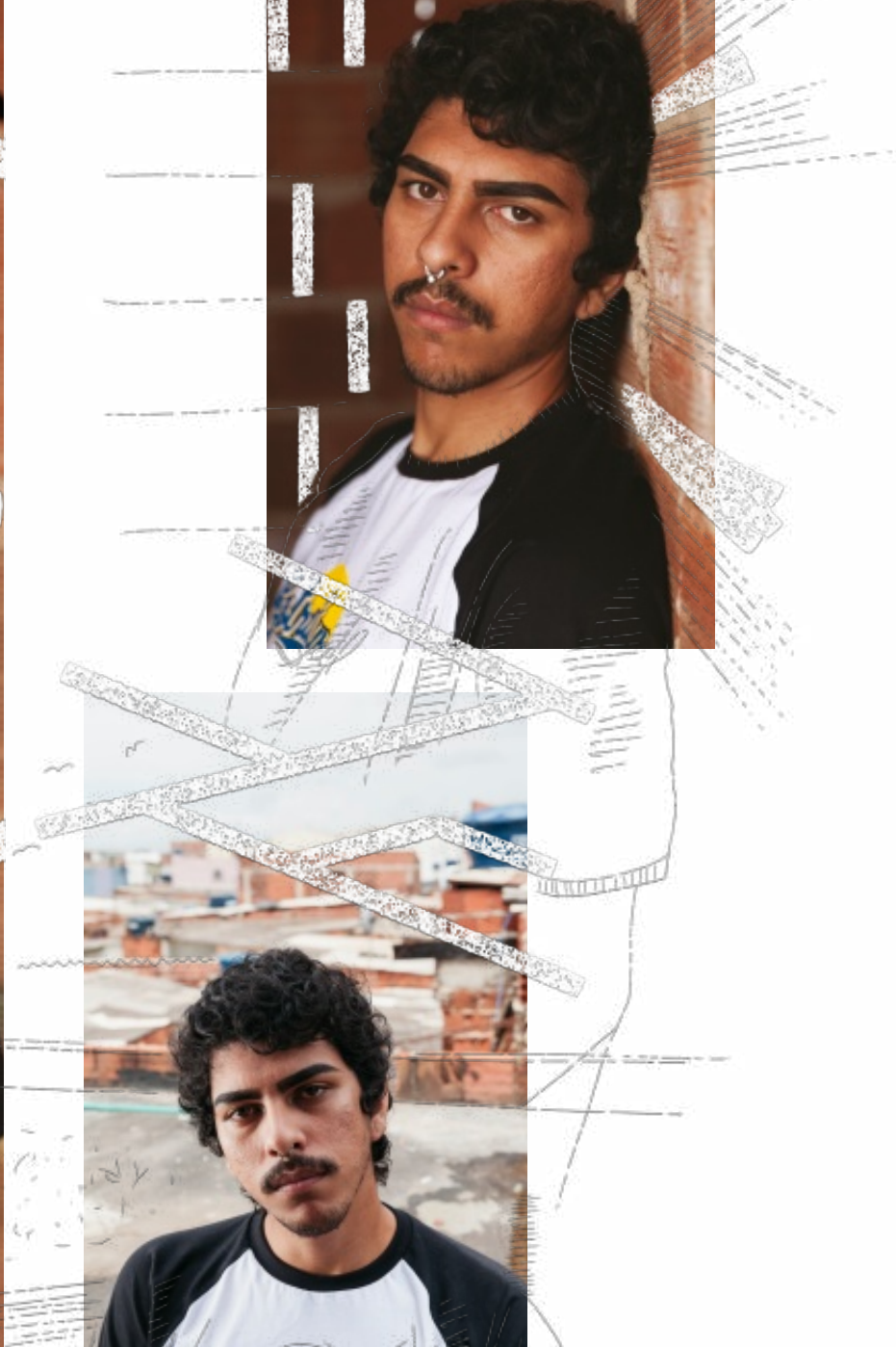


Tiago - Caramba... pé de toddy? Que nojo! Nem acredito que eu te dei incentivo para fazer um trabalho sozinha... se soubesse que era uma idiotice dessas... Que traição, Rita! Ficar de palhaçada assim só por isso? Eram só brincadeiras nossas! Quanto mimimi!!

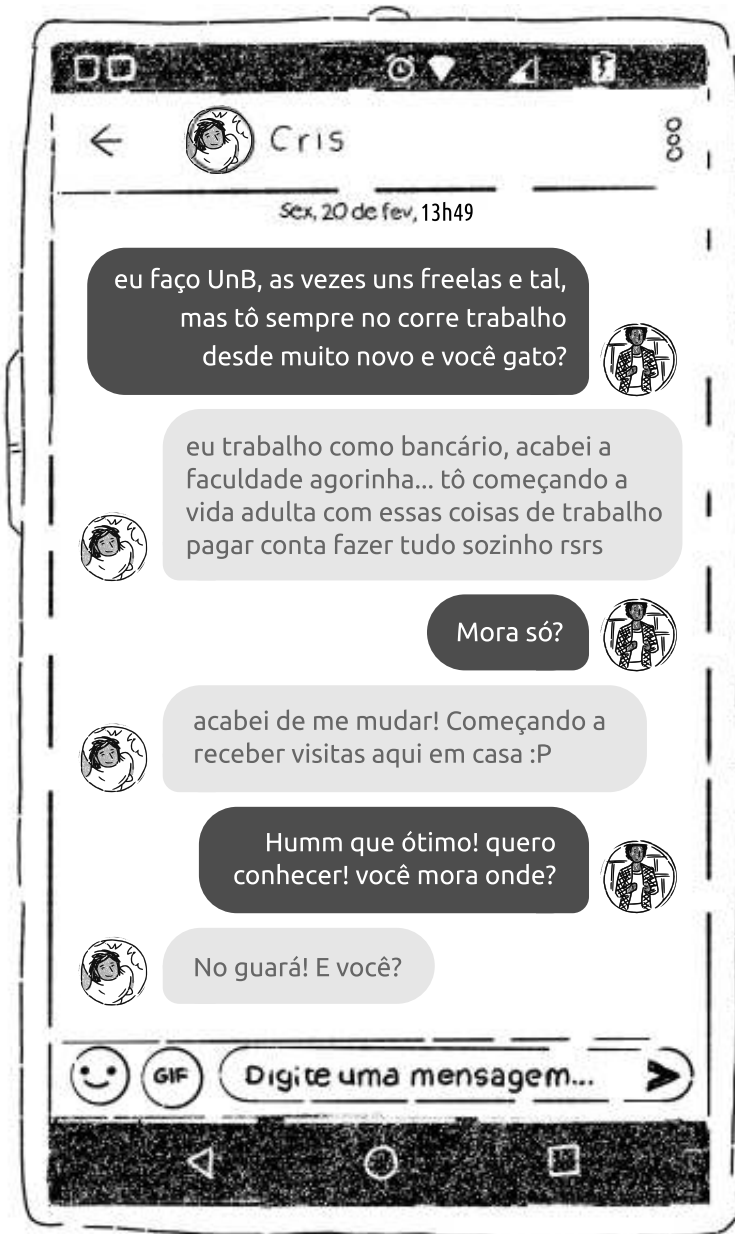
Professora - NÃO ACREDITO! Essa aqui é uma feira de CIÊNCIAS! Não é um espaço para esse tipo de malcriação. Mas que piada de mal gosto, menina! Você foi muito ofensiva! Isso vai gerar suspensão!

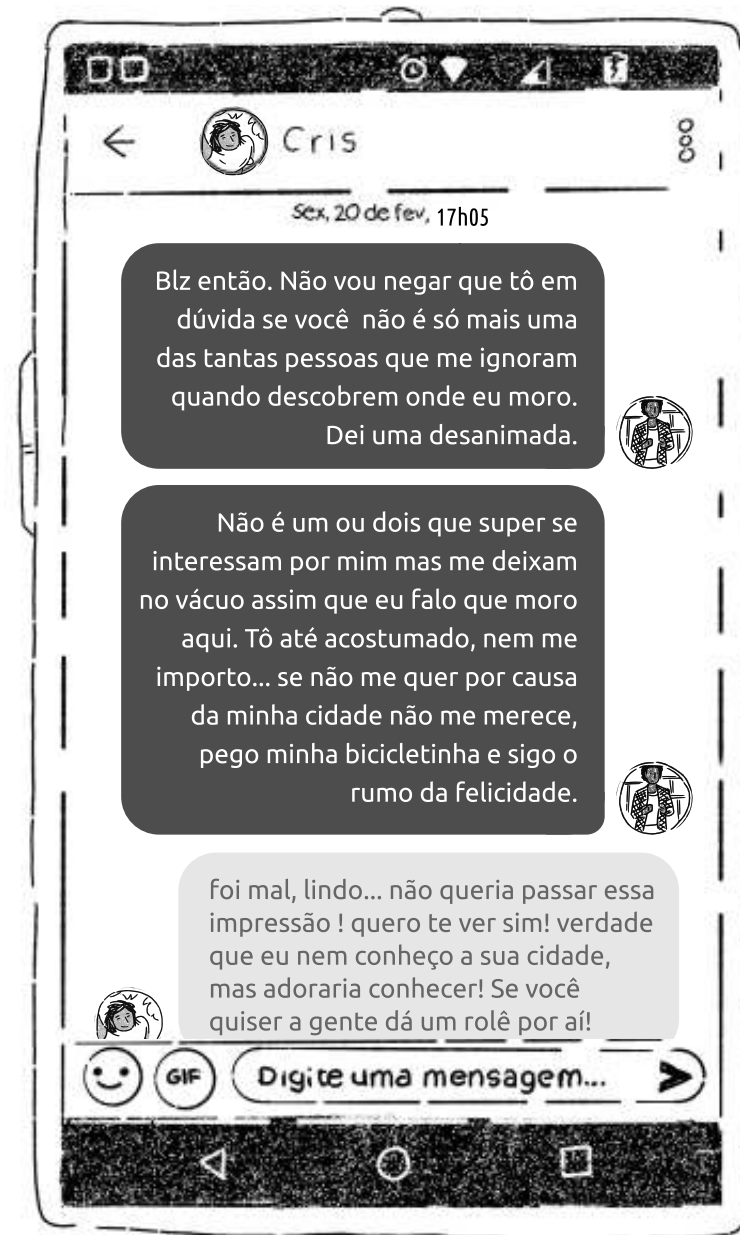
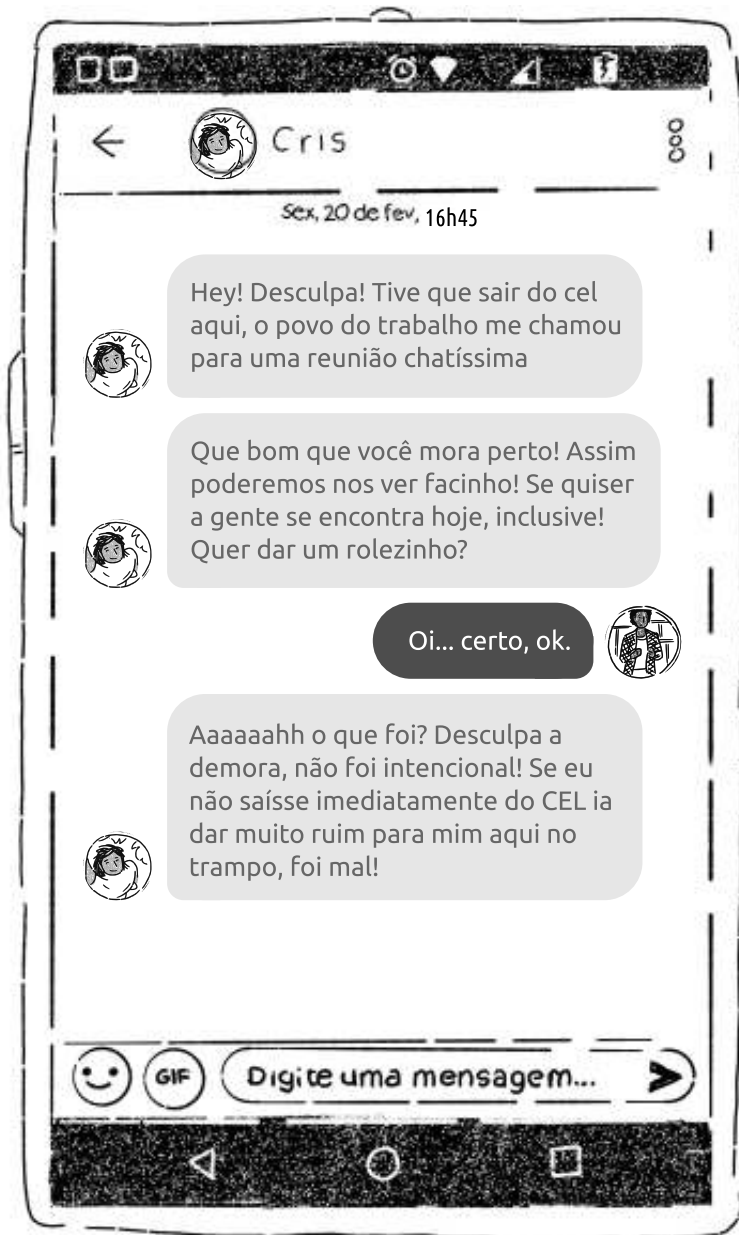
Eles continuaram falando água e reagindo com violência à minha intervenção. Deu certo, sentiram o baque. Virei as costas e deixei a turma lá em polvorosa, sem gastar tempo com a minha palavra. Eu já passei de ano, fiz mais corres para estar aqui do que todos eles. Os meus amigos me zombaram o ano inteiro com piadinhas cheias de rótulos. A professora vivia falando que “tirando eu” todo mundo da Estrutural não tem futuro, que a maioria dali ia virar gari. Idiota. Além do que, ela fala como se gari não tivesse dignidade. Indigno é o preconceito dela. Sigo caminhando, passo pelo Mathias e ele me libera de volta para casa, antes do horário. Ele sabe, eu sei, minha vitória não precisa mais ser comemorada ali. Meus pés de toddy finalmente floresceram.

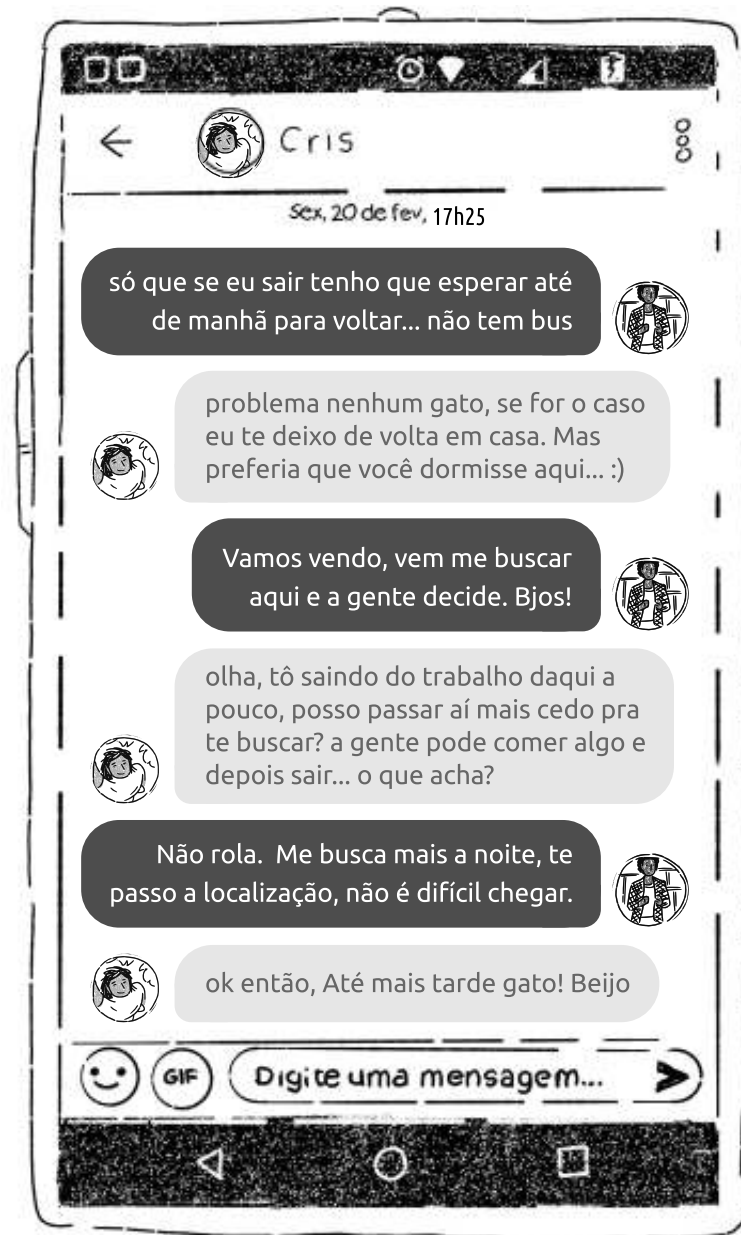
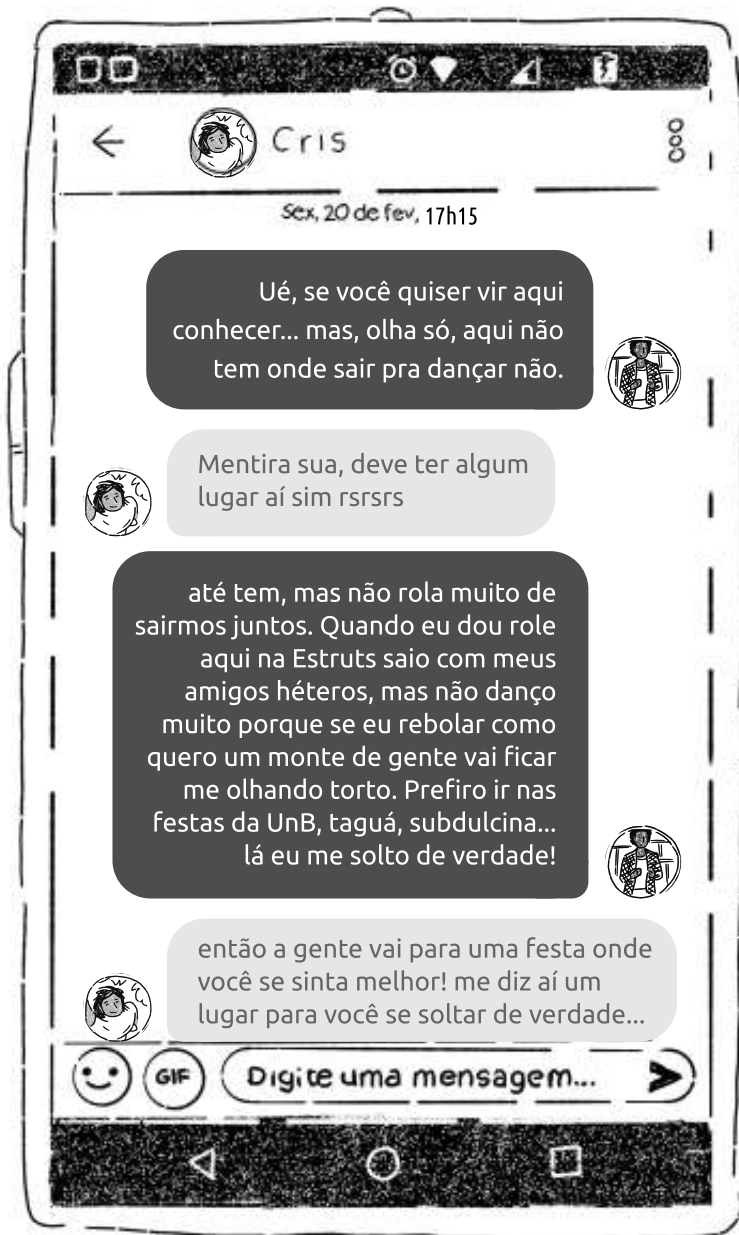














UM PASSEIO NO LIXO

- Ferrugem!!! Ferrugem!!! Se prepara, já chegou o pessoal!

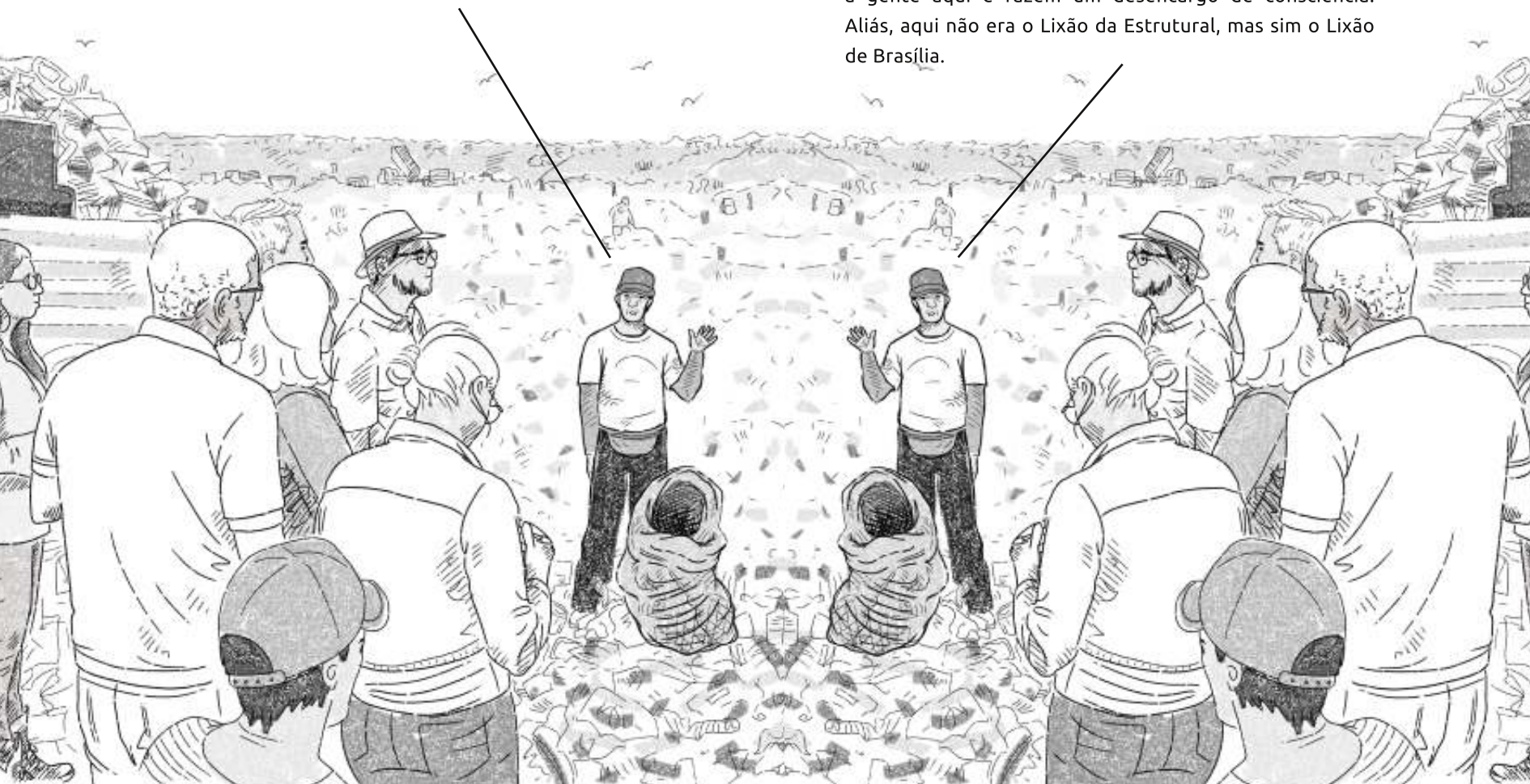
Mais uma turma de turistas vem visitar o Lixão. Turistas não, estudantes, membros de uma ONG internacional, gringos, sei lá, tanto faz. Eu recebo essa galera aqui tem uns quinze anos. Toda vez a mesma coisa: 'estamos interessados em ajudar com nossa pesquisa, projeto, financiamento, plantação de rosas, gincana cultural, ação de caridade, vaquinha de formatura'. Eles sempre querem fazer uma visita turística, um tour pela miséria, e o guia sou eu. Acho que é porque eu sou o que mais estudou, ou porque eu sou o que mais falo parecido com eles... talvez porque eu seja homem, certamente porque eu sou branco. Todos esses motivos, sei lá, acabei ficando como guia oficial para acompanhar quem chega. Não teve escolha oficial, foi oficioso mesmo. Eu gosto porque sempre que rolam essas visitas eu fico de folga, acabo ganhando grana de "caridade", faço umas amizades falsas, troco telefone com gente grã-fina que nunca vai me ligar. Vez ou outra até já fui chamado para uns eventos fora, para repetir o que eu digo aqui. É legal. Mas, na verdade, eu acho esse povo podre! Vêm aqui com roupas rasgadas, sujas, para não serem percebidos. Como se aquelas peles pálidas, aquele jeito de playboy e aquele olhar embasbacado para realidade não fossem fáceis de reconhecer. Ridículo! Aqui na Estrutural todo mundo faz o maior esforço do mundo para se vestir bem, estar na moda, ficar lindo! E eles vêm para cá com essa fantasia de pobre. É muito fácil percebê-los. Podiam vir com qualquer roupa que estava tudo certo, não mudaria nada. Nós sabemos

lidar com o diferente. Então, eles vindo assim, acaba que a roupa vira mais uma humilhação. Eu, para ser ouvido, preciso vender uma realidade fantasiada... metade do copo cheio e metade de mentira. Tenho que inventar uma Estrutural que é omissa, parada, que sofre calada com toda violência. Tenho que inventar uma cidade sem alma, onde as pessoas estão todas de cabeça baixa, onde ninguém faz nada, uma cidade que precisa daqueles olhares caridosos de quem vem de fora. Maior mentira não há! Aqui é a cidade da luta, da treta e de muitas diversidades. Eu não posso, de jeito nenhum, falar para eles das diferenças que existem aqui dentro, das nossas brigas, do povo que está crescendo, de quem tem grana, carro bom, roupa da moda, sabe falar duas, três línguas, é estudada que nem eles, produz cultura, sabe dos seus direitos. Nossa vitória não vende, entendeu? Se eu falar a real, a minha visão das coisas, eles vão atrás de outra favela para enfiar o dinheiro sujo que eles mandam para cá. Esse pensamento está me deixando para lá de chateado ... acho que hoje eu vou estourar e fazer diferente. Se bem que se eu fizer isso me tiram do posto e nunca mais eu pego essa mamata, será que...

- Ferrugem! Já chegaram!! Não enrola!!!

- Olá gente! Aqui era o Lixão da Estrutural!
Um lugar onde existe muito sofrimento, muita miséria.
Um local de um povo trabalhador, porém carente! Um lugar
onde as desigualdades e a pobreza fazem história.

- Olá gente! Aqui era o Lixão da Estrutural!
O lugar onde vocês jogam todo lixo da sua sociedade. O lugar
que vocês não querem se relacionar de verdade, mas vem
aqui fazer um trabalhinho de um dia, para ver se seguram
a gente aqui e fazem um desengargo de consciência.
Aliás, aqui não era o Lixão da Estrutural, mas sim o Lixão
de Brasília.





A ROUPA UNISSEX

Era um dia de pouco movimento no bazar. Um dia incomum para Fátima, acostumada a receber muitas pessoas a todo instante. Quando isso acontecia Fátima reservava seu tempo entre dobrar as roupas e devanear-se em pensamentos.

Eu sempre gostei de trabalhar com comércio. Nem tanto pelo dinheiro, nem tanto pela paz. A gente rala muito e muitas vezes ganha pouco. O que eu mais gosto é de estar sempre conversando com muita gente. Sem sair do meu lugarzinho fico sabendo da vida de todo mundo. Poderia relatar a vida de muita gente, contar os detalhes pequenos. Descubro também muita história ouvindo duas, três, quatro versões dela. As pessoas vêm aqui, negociam preços e acham que eu me baseio no lucro para dar desconto. Outras acham que eu abaixo o preço por pena. Estão muito enganadas, eu dou desconto quando gosto da pessoa... quando aquele universo que a cliente me apresentou me interessa, me instiga. Por isso que eu sempre cobro mais caro de quem é de fora, do povo rico. Quer dizer, mais caro não, cobro o preço de mercado. Até mesmo porque na verdade esse pessoal...

Ariel: - Ei!!! Me atende aqui, tá me vendo não? Tô aqui tem dez minutos querendo falar com você...

Fátima: - Já tinha te visto menino, mas você não consegue olhar as roupas sozinho?

- Uai, eu dou conta sim, mas eu posso levar embora também sem nem pagar para você?

- Aí já seria roubo, né! E seus pecados você não paga comigo mas sim perante Nosso Senhor!

- Tá, beleza! Mas sério, me diz logo, onde eu posso provar essa roupa?

- Você vai provar ESSA roupa? Essa calça coladinha não é para você não!

- Oxi... onde que está escrito que ela não é pra mim?

- Essa roupa é feminina, garoto!

- Isso aqui é roupa de gente, eu uso se eu quiser! Mas se estou incomodando eu posso ir em outro bazar tranquilamente... não tem problema algum e é você que vai ficar sem meu dinheiro!

- Olha, não me venha com malcriação. Se quer saber, eu não estou implorando por dinheiro não! Minha loja está vendendo muito bem, obrigada! Com o fim do lixão o movimento até aumentou... muita gente vindo vender roupa de marca para tirar um trocado e outro tanto vindo comprar mais barato aqui para procurar emprego....

- Tá, tá tia! Gostei muito dessa calça, se não ia embora! Me diz, onde eu experimento?

- Vou deixar você experimentar em respeito à sua mãe, de quem eu gosto muito. Já que ela gosta de você assim como você é, não vou ficar me intrometendo. O provador é logo ali.

- E você lá conhece minha mãe? Que papo é esse...

- Desde que você estava na barriga dela. Dona Suzane comprou aqui muita roupa que você vestiu quando era um bebezinho. Vai lá, faz logo sua vaidade e volta aqui para gente ver como fica.

Essa tia aí não é nenhuma novidade. Todo lugar que eu apareço vem alguém me discriminando por coisas bestas como roupas, meu jeito de andar, falar. Mas sou empoderado, não vou abaixar a cabeça para ninguém. Ela tem os preconceitos dela, as dificuldades dela, a religiosidade dela e eu tenho os meus, iguais. Se eu não conseguir desenrolar nem com essa mana aqui no Bazar como que eu vou enfrentar a sociedade? Quero só ver a cara dela quando eu sair lindo com essa calça! Hoje à noite vou sair com o Cris de novo, vamos para uma festa ótima! Vou chegar lá truvaaaaaandoooooo e nada vai me impedir.

- Adorei tia, vou levar!

- Mas como ficou, cadê? Saiu do provador sem a roupa? Nem deixou eu ver...
- Eu não, para senhora ficar me dando sermão, jamais!
- la dar sermão não, eu acabei ficando curiosa para saber como iria ficar. Tenho um certo ciúme dessa calça, se coubesse em mim eu usaria ela!
- Engraçadinha.... agora já foi! Quanto ficou?
- Pode levar, diga a Suzane que é um presente para ela economizar!
- Obrigado, Fátima! Mas esse dinheiro veio do meu trabalho mesmo! Tchau!
- Tchau Ariel! Aliás, pega aqui esse bilheteinho! Vamos fazer um encontro aqui dia desses, sem compromisso. Se quiser, venha!
- Vou ver, Tia, vou ver!





ÂNSIA DE ÔNIBUS

Droga! de novo. Toda vez é isso, tô com ânsia de vômito no meio desse aperto. Arghhh!! O buzú tá tão apertado que não dá para abrir a mochila e pegar meu saquinho... é a terceira vez essa semana que dá vontade de vomitar. Putz! Não vou comer mais antes de entrar no baú... mas viajar de barriga vazia é ruim igual, vomita bile. Foi uma desgraça aquele dia que golfei em uma criança, preciso segurar aqui, sem ceder, sem vomitar.

zzz

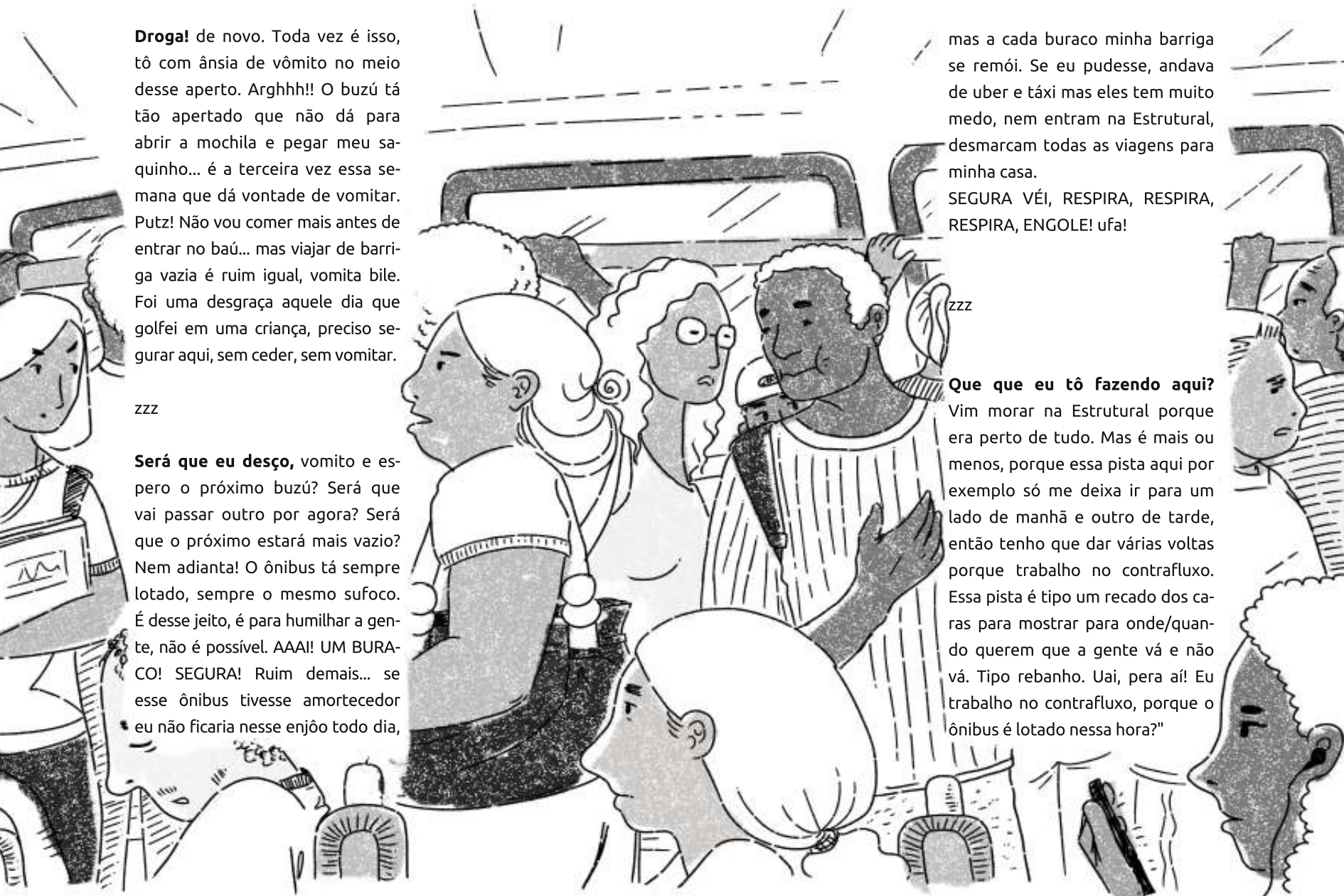
Será que eu desço, vomito e espero o próximo buzú? Será que vai passar outro por agora? Será que o próximo estará mais vazio? Nem adianta! O ônibus tá sempre lotado, sempre o mesmo sufoco. É desse jeito, é para humilhar a gente, não é possível. AAA! UM BURACO! SEGURA! Ruim demais... se esse ônibus tivesse amortecedor eu não ficaria nesse enjôo todo dia,

mas a cada buraco minha barriga se remói. Se eu pudesse, andava de uber e táxi mas eles tem muito medo, nem entram na Estrutural, desmarcam todas as viagens para minha casa.

SEGURA VÉI, RESPIRA, RESPIRA, RESPIRA, ENGOLE! ufa!

zzz

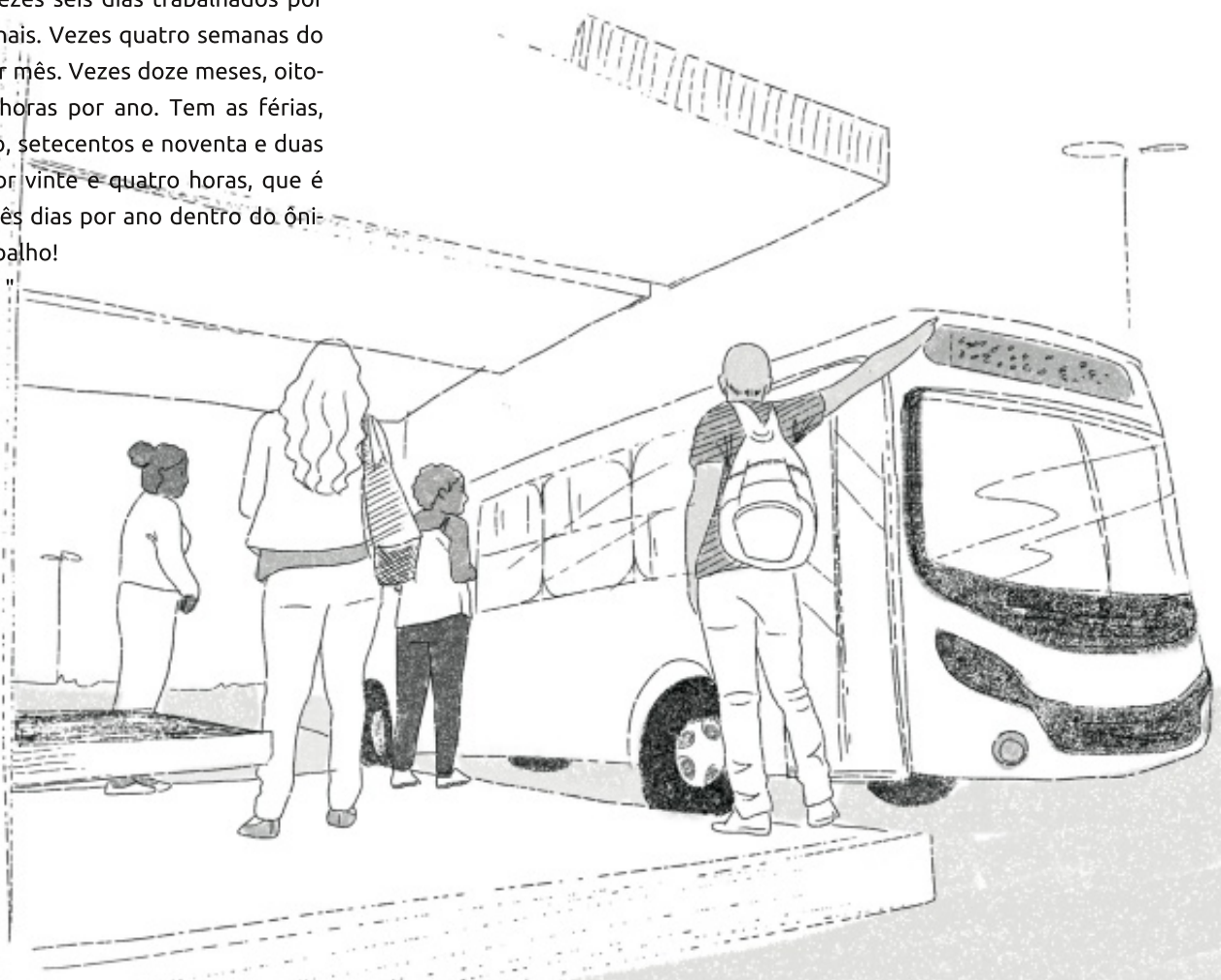
Que que eu tô fazendo aqui? Vim morar na Estrutural porque era perto de tudo. Mas é mais ou menos, porque essa pista aqui por exemplo só me deixa ir para um lado de manhã e outro de tarde, então tenho que dar várias voltas porque trabalho no contrafluxo. Essa pista é tipo um recado dos caras para mostrar para onde/quando querem que a gente vá e não vá. Tipo rebanho. Uai, pera aí! Eu trabalho no contrafluxo, porque o ônibus é lotado nessa hora?"



Jornada difícil... chegando na minha parada ainda tenho que caminhar 15 min até minha casa... Por que o ônibus não entra mais lá dentro? Se eu contar o tempo de caminhada, espera, ida e volta, dá mais ou menos três horas por dia. Sou bom de matemática, vou calcular que passa o tempo e distrai. Três horas por dia. Vezes seis dias trabalhados por semana. Dezoito horas semanais. Vezes quatro semanas do mês, setenta e duas horas por mês. Vezes doze meses, oitocentos e sessenta e quatro horas por ano. Tem as férias, tem que tirar um mês. Pronto, setecentos e noventa e duas horas anuais. Isso dividido por vinte e quatro horas, que é um dia. Eita, passo trinta e três dias por ano dentro do ônibus! É mais de um mês de trabalho!
OPA, PRONTO, VOU DESCER! "

Ufa, desci sem vomitar ninguém. E, como sempre, agora passou a vontade que tomou minha barriga, minha viagem. É trauma ou autotortura? Que seja! Vou para casa.

$3 \times 6 = 18 \times 4$
 $\frac{18}{3} = 6$
 $18 \times 12 = 864$
 $18 \times 11 = 792$
 $\frac{792}{24} = 33$





PINDURA?

- Ei Luciana, desce uma bem gelada aqui!
- Eu mesmo quero é uma quente!
- Hoje eu tô em paz, vou ficar só na água!

Luciana - Uai gente, chegaram mais cedo hoje e vieram de bando? Que que está acontecendo?

(Sexta-feira, começo da tarde, um movimento diferente aparece no Bar da Luciana. Não se tratava de nenhuma movimentação estranha ou malquista. Eram os antigos amigos do tempo em que ela trabalhou como catadora.)

- Tá ruim de movimento hoje Lu! Tá tudo mudando lá na coleta depois que criaram os galpões!
- É, tá complicado mesmo, essa semana não tirei quase nada!
- Tá muito difícil, mas a gente dá nosso jeito! Eu tô otimista porque acho melhor esse trabalho organizado ganhando menos que aquele outro onde a gente vivia sem nenhuma garantia!
- Sem garantia o que? Ano passado eu tirava quatrocentos reais por semana, esse mês todo eu tirei só trezentos!
- É, diminuiu nossa grana! Estamos quebrados!

Luciana - Agora fiquei chocada! Quando eu parei de ser catadora aquilo dava muito dinheiro. Parei por outros motivos...

(Luciana saiu daquele emprego quando catar no lixão estava muito lucrativo. Porém ela, transsexual, experimentava todo tipo de instabilidade: dificuldade de ser contratada, assédios pela chefia, preconceitos e humilhações

pelos colegas. Decidiu sair quando teve oportunidade de abrir um negócio onde ela pudesse controlar o ambiente, as finanças e manter-se em contato com as pessoas. O que ela menos queria era que o preconceito a deixasse isolada.)

- Tá difícil Lu, tá muito diferente do seu tempo!
- Eu mesmo peguei minhas roupas e fui vender num bazar para inteirar as contas desse mês!
- Tô ficando marcado na feira, só pedindo desconto, negociando tudo, os feirantes já estão até com raiva de mim.
- Tem um monte de gente indo embora, saindo da Estrutural, indo para cidades de origem, para casa antiga....
- Tem também um monte de gente mudando de emprego.
- Mas eu prefiro muito trabalhar aqui na Estrutural! Ir para longe é ruim demais!
- O pior é que a cidade está ficando toda vazia à noite, o povo nem quer sair mais na rua!
- Mas aí já vem os preconceitos seus também, né? Está achando que o cara só porque tá sem emprego e é pobre vai roubar? A gente tem dignidade, tem caráter!
- É, tem um monte de gente mudando daqui! Da minha rua mesmo já foram embora três, que não estão tendo como pagar aluguel.
- E o jornal, olha lá, fica falando que aqui está tudo certo, que eles fizeram tudo direitinho! Mentira cabulosa! O que passa na TV é outra coisa. Se não fossem as pessoas daqui, eu ia achar que estava tudo bem. No jornal diz que os catadores não estão aproveitando a oportunidade que o governo está dando.

- É mas tem saída sim, viu? Tem muita gente conseguindo dar a volta por cima aí!
- É, tem luta!
- Por mim a gente colocava fogo nuns pneus na pista, que nem em 1997!
- Por mim também!
- Mas você fala isso só porque está bêbado! Sóbrio não diz isso!
- É o que? Se a gente for fazer algo até os evangélicos vão junto!
- Duvido! Vocês são frouxos! Vou ficar na minha mesmo!
- É você que está com medo, rapaz! Se você fosse mulher e segurasse a barra que nem eu não ficava com essas frescura não!
- Ah, papo mole, vou embora. Lú, passa a conta aí!

Luciana - É pra já!

(No decorrer da conversa Luciana ficou aflita. Estava entendendo o que se passaria na sequência. Aquela visita inesperada dos ex-amigos de trabalho, que tanto a magoaram, estava para lhe custar muito caro.)

- O que? Os preços subiram aqui também? Achei que era só a gasolina... esse dinheiro todo não tenho aqui não!
- Ixe, nem eu, consigo pagar uma parte pequena disso aí
- Eu também não, se fizer isso já era o aluguel do meu barraco
- Ainda bem que eu só pedi água. Tem que pagar não, né Lu?
- Danou-se, também não seguro!
- Nem eu! Lu, você sabe que a gente vem aqui direto, sabe onde a gente mora! Será que dá para pindurar essa conta pra gente?

Luciana - É...

(Pra tudo há um contragolpe)

- POR FAVOOOORRR!! LUCIANA! LUCIANA!
- Nunca falhou com a gente!
- Não vai ser hoje que ela vai ser incompreensiva né?

Luciana - Vocês não merecem muito, sempre me discriminaram quando eu era catadora só por eu ser trans. Na época do lixão nem olhavam na minha cara... agora é Lu querida pendura aí, pendura aqui... Hipocrisia né? Mas como eu sou uma mulher boazinha mesmo com quem não faz por onde, vou deixar dessa vez. Fico esperando o pagamento de vocês! Boa noite!

(É como diz aquele ditado: A vingança é um prato que se come fiado.)





UM PLANO DE DIVERSÕES

Assim que a cidade vai trocando a luz solar pelo escuro da noite, o movimento vai dando espaço ao vazio, a presença vai virando silêncio. Acaba a novela. A campanha da casa de Paulo toca. É Marcela, por quem ele esperava. Ela está bem bonita, arrumada. Mas não está só: com ela vieram Pedro, Rita e Jussara. Paulo está em casa com seu irmão mais novo, Lucas. Luquinhas sempre quer participar das aventuras que o irmão e seus amigos fazem pela cidade, mas nunca é convidado. Coisas de irmão, diferença de idade. Mas ele não desiste:

Lucas - Paulão, qual vai ser o programa de hoje?

Paulo - O programa eu não sei ainda, estamos juntando a galera aqui para ver. A gente sempre planeja um rolê diferente!

Marcela - Sempre planejando, difícil mesmo é executar! "O que vamos fazer hoje à noite pessoal? O mesmo que fazemos todas as noites! Tentar nos divertir na Estrutural"

Pedro - E dessa vez eu trouxe até um mapa da cidade para gente não ficar perdido! Se liga aí!

Jussara - Que besteira de mapa é essa Pedro, a gente conhece tudo daqui.

Paulo - Acho que o mapa vai ajudar, vamos tentar? Vocês vão ver como vai ser legal! Luquinha, vai lá pro quarto.

Antes de começarem o plano, definem algumas regras: não vai rolar wi-fi enquanto planejam, porque se não todo mundo dispersa no celular. Pode discordar tranquilo,

mas sem agressão nem xingamento. O objetivo central é alcançar a diversão! O mapa é aberto no chão e todos se juntam ao redor dele.

Jussara - O problema é que esse mapa não diz se é dia ou noite. Se fosse dia eu ia apontar logo para irmos na feira, que é o lugar mais divertido daqui!

Pedro - É, a feira é massa mesmo! Mas ela já não abre nem todo dia, quanto mais de noite!

Rita - Ué, porque não fazemos uma festa lá?

Paulo - Só se for para polícia vir brincar de prender a gente! Mas sério, a feira seria o melhor lugar se fosse de dia, mas onde a gente pode se divertir a noite? Nos bares não deixam a gente ficar por conta da idade. Podemos fazer uma social na casa de alguém, que tal?

Rita - Eu nem estava falando muito porque acho que não vai dar certo. Até mesmo uma social... tá todo mundo com medo de dar role aqui noite a dentro, para as minas tá foda andar sem perder o cel.

Jussara - Só aqui não, em qualquer lugar tá rolando essa violência contra a mulher sozinha na rua! Além disso, a social para dar certo tem que ter o endereço e localização certinho, e mesmo assim pouca gente vai assim em cima da hora. E quem vier não vai trazer comes e bebes.

Paulo - E onde mesmo que vai ser essa social hein? Aqui em casa não vai encher de maluco não!

Pedro - Bora levar um som para pracinha então, a gente fica lá de bobeira.

Todos - DE NOVO? AAHHH NÃO! VAMO FAZER ALGO DIFERENTE!

Paulo - Diferente? Mas aqui não tem cinema, não tem teatro, o parque é todo descuidado... como assim fazer diferente? Só se for... Já sei! Tem a boate onde rola o forró! Que que vocês acham?

Rita - Na boate não rola gente, ainda não temos 18 anos. E, também, não sei vocês, mas a grana desse mês tá apertada.

Marcela - Então vamos sair da cidade e buscar algum rolê fora! Porque nada aqui serve para vocês...

Todos em coro - FORA NÃO! NOSSO OBJETIVO É NOS DIVERTIR AQUI NA ESTRUTURAL! FOCA NO ROLÊ!

Rita - E mesmo que fossemos para fora, só se a gente tivesse um carro e carteira né? Não dá para pegar buzú aqui essa hora, uber não entra e além do que já falei do lance da pouca grana. Não dá para sair para esses esquema caros e ficar na mão depois.

Pedro - Então não vamos pra lugar nenhum, Rita! Que droga véi, tu sempre põe problema nos esquemas!

Rita - Não ponho problema nenhum, eles já estão todos aí!

Jussara - Vamos parar de briga aí porque o objetivo hoje é nos divertirmos contra todos esses problemas! Cada um faz um plano individual ou pensamos juntos em uma ideia coletiva?

Paulo - Ok! Vamos fazer um plano!

A conversa dura um pouco mais que o planejado. Entre risos, provocações e ideias o tempo fluiu como água. A cada dificuldade de se divertir na cidade uma solução criativa mais inesperada e ousada aparece. Cada uma delas discutida minuciosamente, como merece toda equipe que planeja suas ações futuras. De repente o relógio toca. Já são três da manhã. A galera encerra a reunião, despedindo-se e agendando de se encontrar de novo semana que vem. Rita, antes de sair em comboio com o pessoal, não deixa de comentar com Paulo:

Rita - Esse certamente foi o melhor rolê que já rolou na sua casa, man. Mas da próxima vez pode tratar de chamar o Luquinha! Nós gostamos dele...





MEDO NA PASSARELA QUE LÁ VEM ELA

Mais uma madrugada enfrentando a passarela. Acabei de descer do ônibus, quinze minutos de caminhada até minha casa. Vindo de Taguatinga, à noite, desço na parada na Estrutural e caminho, sempre por um trajeto diferente. Mas a passarela, não tem jeito, eu sempre tenho que atravessar. Sendo mulher, os medos do vazio e escuro da noite são sempre maiores. E se alguém me rouba? E se alguém tenta me estuprar? Eu sempre enfrento esse medo, todo dia. Nunca me aconteceu nada, mas eu uso muitas técnicas para dar tudo certo: faço cinco caminhos diferentes por semana, para ninguém me seguir; saio do trabalho com pouca roupa, sempre justa, simples. Não é porque eu queira parecer bonita não, é que assim eu mostro para quem me vê de longe que eu não tenho objeto de valor. Claro, por outro lado dá medo dessas roupas atraírem uns tarados. Por isso eu sempre estou com meu sprayzinho de pimenta e também fiz no trabalho umas aulas de autodefesa para emergências. Mas nunca aconteceu nada. Só o medo, todo dia. Ou seja, nunca aconteceu mas sempre acontece.

Carambã! Está vindo um cara ali, logo agora que tô em cima da passarela! Sozinha, não tem ninguém além de nós aqui. Eu sempre tento atravessar a passarela com alguém, mesmo que desconhecido. Mas dessa vez descí sozinha na parada. Tô de frente para o sujeito. Não posso correr porque se ele for fazer algo, ele se apressa e me pega enquanto eu viro. E também se eu correr acabo descendo a passarela lá naquele breuzão que é a parada de ônibus.

E... bem, tem a chance de ele não ser ninguém perigoso. Ele vai entender se eu correr, mas eu sei que ele deve ficar super humilhado por eu ter corrido. Moro na Estrutural tem mais de dez anos, conheço muita gente daqui. Tem a chance de ser um conhecido também. De longe não dá para reconhecer, ele está de casaco bem largo. Pode ser que esteja simulando ou escondendo arma. Ah, também pode ser só pelo frio sinistro que está fazendo aqui. E está muito frio mesmo. Quer saber? Vou colocar meu spray na mão preparado e vou encarar. Não vai acontecer nada, ele vai me ignorar. Caramba, ele tá vindo na minha direção vai falar comigo!

"Desculpa, eu não deixei de ver que você estava com medo. Eu também estou! Prazer, meu nome é Paulo. É inseguro para todo mundo, moça, tô junto de você nessa situação. Para ter segurança a gente tem de estar à vontade. É impossível se sentir seguro se estiver com fome, passando frio, sem vaga na escola, doente e sem ter médico. Hoje em dia, na Estrutural, ninguém está seguro de verdade. Todo mundo tendo o suficiente, não precisa ficar pegando o celular dos outros. A fome, a necessidade de ser integrada em determinado grupo, ser aceito. Temos que pensar a nossa posição como periferia. Somos incentivados a ter um iphone, uma melissa, isso é um status... como se para viver a juventude a gente precisasse disso. Não temos saneamento, não temos cinema. A gente precisa mesmo é ampliar, todo mundo tem que ter acesso à educação, luz. Onde todo mundo tem trabalho e renda não precisa de polícia.

Se for conversar com o menino da esquina vai descobrir que ele saiu da escola, que ele cresceu no tráfico, que a arma na mão dele veio de quem devia proteger. A segurança que coloca os nossos contra os nossos não é segurança. Estamos do mesmo lado!"

Suelen - Não moço, não era nada disso não. Meu nome é Suelen. É que está frio e estou sem casaco. Mas já que perguntou, você me acompanha até ali perto da minha rua?

Ufa, que alívio esse papo meio intelectualóide meio pastor do carinha. Pareceu aquele ator de Hollywood que sempre dá sermão nos outros durante filme... como é mesmo o nome? Morgan Freeman, aquele amigo do Batman. Mas que bom que ele disse que me entende. Que bom que era só um engano; esses preconceitos bobos meus com os pretos, com os meus, fazem muito mal para união da comunidade. Os verdadeiros perigosos estão de terno.

Paulo - Moça, não vou poder lhe acompanhar. Na verdade estou aqui esperando um amigo que ficou de me trazer uma parada e até agora nada. É um esquema tranquilo, coisa segura, não tem nada ilícito não, se é isso que você está pensando. Eu queria mesmo era te pedir um favor. Você pode me emprestar seu celular rapidinho, para eu ligar para ele? É coisa rápida, eu ligo a cobrar. Me dá esse help aí rapidão, mina?





VAI UMA FEIRA AÍ?

- É Suzaninha, o movimento na nossa barraca está difícil né?
- Cada dia mais fraco, Frank.
- Só começo de mês que o movimento fica bom, as contas estão apertando feio.
- Está complicado, meu velho. Se as vendas não derem uma melhorada sei lá como fica essa nossa parceria na barraca, hein?
- Está me ameaçando já, pô? Calma aí, somos sócios ainda! Vou pegar minha parte nos bens, hein? Palhaça!
- Para de graça seu coiso! Estou falando sério, ando um pouco assustada com essa queda.
- É, depois que fecharam o Lixão a renda aqui caiu muito mesmo. Acho que o povo está com menos dinheiro vivo.
- Sim, além disso tem essas lojas que abriram aí do lado, tudo com aluguel caro para caramba e vendendo em liquidação!
- É tipo como se eles tivessem organizado para quebrar a feira. Né não?

- Dona Suzane, quanto tá esse Abacaxi?

- Boa tarde, senhora Fátima! É o preço de sempre!

- Pois me dê dois!

- É pra já!

- Você está sabendo da reunião lá na loja né?

- Tô sim! Se der um tempo eu passo lá! É coisa religiosa, né?

- Aparece lá que a gente conversa melhor... até mais!

- Essa dona aí é uma das que está lucrando com nossa crise. Agora todo mundo quer saber de comprar roupa só no bazar.
- É... bom para ela, comércio é sempre variação, né?
- Verdade, mas nesse nosso caso se não entrar dinheiro a feira vai acabar, sem volta!
- Você que está me ameaçando agora, rapaz?
- Não, tô dando a real. É que você mora em casa própria, eu pago aluguel, né. E ele não para de subir, sei nem como vou pagar o próximo mês.
- Mesmo na minha casa as contas tão caras. Depois que regularizou meu bairro apareceram várias contas novas. O governo não quer saber de dar dinheiro para Estrutural não, mas as contas só aumentam!

- Iae seu Frankzeira, só de boa?

- Fala Pedrinho, como tão as coisas, como vai seu pai!

- De saúde tá tudo certo, Frankozo. Ruim mesmo tá a grana!

- Nem me fale, tá difícil pra todo mundo, menos pros ricos!

- Mas esses aí eu nem conto! Aliás, falando nisso, queria saber se hoje não tem um desconto pra gente.

- Dez contos? Vai me pagar mais?

- DESCONTO, véi, DESCONTO...

estamos com pouco dinheiro e queria comprar pelo menos umas seis batatas! Rola de fazer um preço bom?

- Para você, que é de família boa, eu faço. Mas vê se na próxima trás o dinheiro inteiro, as contas não cresceram só para vocês não, moleque, Manda um abraço pro pessoal lá de sua casa!

- Valeu, tio Frank!

- Esse menino... o que tem de malandro tem de esperto. Ou seja, sabe tudo! Tem futuro, se não ficar de vadiagem por aí saindo à noite.

- É o que rapaz, ele é jovem, tem mais é que curtir a vida.

- Mas se desandar já sabe né... tem mais é que agarrar as oportunidades.

- Hoje em dia ele tem oportunidade de andar mais pela cidade. Agora já tem uma praça, umas quadras de futebol, até boate já tem para quando ele ficar mais velho. No nosso tempo de mais novo não tinha nada disso!

- Por outro lado a violência cresceu também, hoje não é mais toda aquela união de antes. E a quadrinha mesmo: tiraram um povo daqui lá pra Planaltina falando que a casa deles ia explodir. Aí eles mudaram e o governo fez a quadra de futebol no mesmo lugar, desrespeito né? E olhe, eu digo para você, esse negócio de desenvolvimento que estão fazendo aqui vem é junto de um convite para sairmos da cidade!

- Eu tenho minha casa aqui, não saio jamais!

- Nem se te fizerem uma proposta boa?

- Eu não! Essa casa foi conquistada com muita luta, aqui tem história e comunidade! E também, se eu vender ela hoje, vou acabar vendo daqui dez anos ela valendo não sei quantas vezes o valor de agora e aí, nego... vou ficar super arrependida. Eu não cheguei até aqui para passar mel na boca de playboy né?

- Moça, quanto é essa cesta de Legumes?

- Dez reais.

- Nossa! Eu só tenho cinco. O que dá para comprar?

Não é só para mim.

- Pois então chame sua mãe para negociarmos. Não gosto de ficar assim vendo coisa de dinheiro com criança.

- Ah tá, até mais.

- Não menina, pega aqui, leva!

Já está acabando a feira mesmo, pega!





UM BAZAR DE SOLUÇÕES

Todo mundo foi chegando no horário marcado, se acomodando pelos espaços do bazar. Veio o Mathias, com problemas de trabalho. Veio o Paulo e a Jussara, com problemas de diversão. Veio a Rita, com problema de discriminação na escola. Veio a Luciana, reclamando da transfobia. Veio o Ariel reagindo à homofobia. Veio a Suzane, com problemas na Feira. Veio a Suelen, criticando a segurança e a saúde. Veio o Frank, que não consegue mais pagar o aluguel. Veio o Ferrugem, que está perdendo o emprego no lixão. Veio o Lázaro, que não aguenta mais passar mal no ônibus. Vieram muitas outras pessoas também, enfrentando muitos problemas na cidade. Todo mundo tinha uma reclamação na mente, mas imaginavam que Fátima fosse fazer um encontro religioso.

Ela tomou a palavra e surpreendeu:

- Gente, chamei vocês aqui porque eu percebi que tem alguma coisa mudando na cidade. O Bazar tá com um movimento ótimo, mas eu sei que o motivo disso não é bom: o fim do lixão, a crise do Brasil, o aumento dos preços, tudo tá fazendo vocês ficarem mais na cidade, comercializarem mais por aqui. Eu adoro muita gente na minha loja, mas acho que temos alguns problemas envolvidos, né?

- Pois é, gente, todo mundo tem uma reclamação individual e dá soluções sozinhos e sozinhas pra eles. Mas eu, que moro aqui desde que essa cidade foi criada, me lembro bem que a união foi o que fez chegarmos até aqui. Não teve presente de político nem de empresário, enfrentamos tudo e todos para Estrutural ser nossa. Fico muito triste quando vejo esse tanto de problema sem podermos fazer nada. Eu acho que a gente pode fazer algo juntos, transformar o individual em coletivo. A nossa comunidade é forte, vamos mudar isso.



É possível mudar

Você se vê presente nestas crônicas? Quais outras você estrela e poderia escrever? E quais soluções, para além da ficção, poderíamos adicionar a esta história? Que tal, a partir destas e de outras histórias, pensar em como mudar a situação da cidade, criando o enredo de nosso futuro?

Essa luta não começou agora nem foi criada com esta publicação, ela é parte do legado da Estrutural. Podemos escrever quais iniciativas legais estão rolando na cidade e quais outras podemos criar...

Enfim, se estamos Encarando Números, podemos encarnar histórias! O espaço é seu!



EQUIPE INESC

Conselho Diretor

Enid Rocha Andrade da Silva
Júlia Alves Marinho Rodrigues
Luiz Gonzaga de Araújo
Márcia Anita Sprandel
Pedro de Carvalho Pontual

Conselho Fiscal

Ervino Schmidt
Romi Márcia Bencke
Taciana Maria de Vasconcelos Gouveia
Suplente: Lucas de Alencar Oliveira

Colegiado de Gestão

Iara Pietricovsky de Oliveira
José Antonio Moroni

Coordenadora da Assessoria Política

Nathalie Beghin

Gerente Financeiro,

Administrativo e de Pessoal

Maria Lúcia Jaime

Assistente da Direção

Ana Carolina Soares
Ana Paula Felipe
Marcela Coelho M. Esteves

Assessoria Política

Alessandra Cardoso
Carmela Zigoni
Cleo Manhas
Grazielle Custódio David
Leila Saraiva

Márcia Hora Acioli

Matheus Peres Machado Magalhães
Yuriê Baptista César

Assessoria Técnica

Dyarley Viana de Oliveira

Assessoria de Comunicação

Silvia Alvarez

Educador Social

Thallitta de Oliveria

Estagiários

Lucas Miguel Salomão Meireles
Lucas Daniel Rodrigues de Souza
Thais Vivas

Contadora

Rosa Diná Gomes Ferreira

Assistente de Contabilidade

Ricardo Santana da Silva

Auxiliares Administrativos

Adalberto Vieira dos Santos
Eugênia Christina Alves Ferreira
Isabela Mara dos Santos da Silva
Josemar Vieira dos Santos

Técnico de Informática

Pablo Lages

Auxiliar de Serviços Gerais

Roni Ferreira Chagas

EQUIPE NOSSA BRASÍLIA

www.movimentonossabrasilia.org.br

Layse Ennes e Alda Duarte (GT Agricultura Urbana), Ana Julia Zaks (GT Mobilidade Urbana), Alex da Silva Martins e Markão Aborígene (GT Cultura), Lucas Miguel, Igo Ariel, Neliton Alves, Fábio Pereira, Tatiana dos Santos, Tayná Caminho – Cia de Teatro Bisquetes (GT Gênero e Sexualidade), Tâmara Jacinto (Assessora de Comunicação), Carmela Zigoni, Cleo Manhas, Dyarley Viana, Leila Saraiva, Yuriê Baptista.

Metodologia

Cleo Manhas, Dyarley Viana, Fábio Silva, Leila Saraiva, Lucas Miguel e Yuriê César Baptista

Sistematização e crônicas

Paique Duques Santarém

Mobilização

Cia de Teatro Bisquetes

Fotografia

Janine Moraes

Projeto Gráfico e ilustrações

Nara Oliveira (Estúdio Gunga)

Apoio

Centro de Convivência da Estrutural - COSE
Casa dos Movimentos- Estrutural

Apoio Institucional

Charles Stewart Mott Foundation
Christian Aid
Fastenopfer
Fundação Heinrich Böll
Fundação Ford
GDF- CDCA/Secretaria da Criança
GDF-Fundo de Apoio à Cultura
GDF- Trabalho e Desenvolvimento Social,
Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos
IBP – Center on Budget and Policy
Priorities
Instituto Clima e Sociedade- ICS
Instituto C&A
Kindernothilfe - KNH
Open Society Foundations
Oxfam Brasil
Pão para o Mundo - PPM
União Europeia

Inesc

Instituto de Estudos Socioeconômicos

SCS Quadra 01 - Bloco L, nº 17,
13º Andar, Cobertura
Edifício Márcia
70. 3037-900 - Brasília/DF

+ 55 61 3212-0200
inesc@inesc.org.br
www.inesc.org.br





Madriha
Intelectual
DE FIVELA PRA FAVELA

"Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias"

Eduardo Galeano

